

## A HISTÓRIA ANTIGA A PARTIR DE TEXTOS LITERÁRIOS : A EPOPÉIA ( I )

Paulo Ângelo de Meneses Sousa \*

**RESUMO:** O artigo apresenta o primeiro capítulo do nosso livro didático *A História Antiga a partir de textos literários*, inédito, que analisa a relação entre história e literatura a partir do gênero literário da epopéia.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Antiga, História e Literatura, Gênero Épico.

**ABSTRACT:** The article present the first chapter of our textbook *The Ancient History from literary texts*, inedited, which analyzes the relationship between history and literature from the literary genre of the epic.

**KEYWORDS:** Ancient History, History and Literature, Epic Genre.

### 1. Introdução

A História da Antiguidade tradicionalmente aborda desde as primeiras civilizações do oriente próximo ( Egito, Mesopotâmia, Hebreus, etc ), passando pelas civilizações do extremo oriente ( Índia, China, etc ) até o mundo clássico ( Grécia e Roma ).

A tendência atual das disciplinas de História Antiga nos cursos de graduação em História no Brasil tem sido substituir o tratamento meramente factual desse extenso conteúdo, como se encontra nos antigos manuais de história antiga e nos livros didáticos, por uma abordagem mais analítica, apresentando agora recortes temáticos e, sobretudo, uma reflexão sobre a própria construção do conhecimento histórico da antiguidade.

Nesse sentido, a proposta teórico-metodológica que desenvolvemos em nosso livro didático de estudar a História Antiga a partir de textos literários <sup>1</sup>, para alunos dos cursos superiores de ciências humanas, diz respeito a uma proposta de leitura da antiguidade que estamos construindo através de nossa atividade como professor e pesquisador.

Com este artigo, iniciamos a publicação do primeiro capítulo do nosso livro didático, inédito, a partir do primeiro gênero literário que identificamos na antiguidade, quer dizer, a Epopéia, tomando como ponto de partida para análise da relação entre história e literatura duas

---

<sup>1</sup> Veja-se o artigo: SOUSA, Paulo Ângelo de M. A História Antiga a partir de Textos Literários – Uma proposta teórico-metodológica. *Boletim de Estudos Clássicos*, 60, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

\* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor associado do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí.

obras desse gênero, a *Odisséia* de Homero e *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, situadas por volta do século VIII a.C..

Os poemas a *Odisséia* de Homero e *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, são testemunhos literários essenciais sobre as regras da vida social, religiosa e cultural da Grécia arcaica.

## **2. A *Odisséia* de Homero**

### **2.1. Dados históricos**

Os aqueus eram povos que habitavam a Grécia peninsular nos últimos séculos do II milênio a.C.. Dessa civilização, restam, de um lado, ruínas e achados arqueológicos e, de outro, um rico filão de lendas e tradições que influenciou a poesia épica do milênio seguinte.

Eles invadiram e destruíram, na Frígia, diante dos Dardanelos, a praça-forte de Tróia. Os feitos dos guerreiros nessa campanha e os eventos de seu regresso à terra pátria constituíram o tema de duas obras, atribuídas pela Antiguidade a um aedo chamado Homero, sobre quem nada se sabe ao certo: a *Ilíada*, que trata dos episódios da guerra, e a *Odisséia*, onde se narram as aventuras do mais astuto dos capitães daquela expedição, Odisseu [ Ulisses para os romanos], rei de Ítaca, após a destruição de Tróia, até chegar de volta ao seu lar ( Cf. BRUNA, 1993 ).

### **2.2. Composição da obra**

Conforme os estudiosos de Homero, essas duas obras [ *Ilíada* e *Odisséia* ] resultam da fusão de poemas de autores desconhecidos, realizada, através do tempo, por uma corporação de aedos intitulados Homéridas, isto é, descendentes de Homero, que os transmitiam oralmente de geração em geração. A mais antiga edição escrita foi a determinada, no século VI a.C., por Pisístrato, tirano de Atenas, ou por seu filho e sucessor, Hiparco. Outras edições se fizeram por iniciativa particular ou pública em outros lugares da Grécia em várias ocasiões.

As inúmeras repetições de epítetos, de hemistíquios, de versos inteiros e mesmo grupos de versos, mostram o caráter popular da composição dessas obras e o fato de que nesses poemas homéricos, os autores recorrem livremente a um arsenal de fórmulas prontas assim como ocorre na atualidade entre os cantores populares, principalmente os cultivadores do gênero desafio.

### **2.3. A estrutura do poema :**

O plano da *Odisséia*, cuja ação dura 40 dias, pode ser assim resumido:

I. Narrativas das viagens de Telêmaco em busca de notícias do pai ( Canto 1 ao 4 );

- II. Narrativas das peripécias do regresso de Odisseu (Canto 5 ao 12 );
- III. Chegada de Odisseu a Ítaca e extermínio dos homens que, na sua ausência, pretendiam a mão da suposta viúva e, com esse pretexto, lhe iam dilapidando a fortuna (Canto 13 ao 24 ).

Os 24 cantos em que o poema foi posteriormente dividido apresentam os seguintes temas:

- 1- Assembléia dos deuses. Conselhos de Atena a Telêmaco.
- 2- Assembléia em Ítaca. Preparativos de Telêmaco.
- 3- Telêmaco em Pilos ( Nestor ).
- 4- Telêmaco em Esparta ( Menelau ).
- 5- Assembléia dos deuses. Partida de Odisseu da ilha de Calipso.
- 6- Chegada ao país dos feácios.
- 7- Acolhida no palácio de Alcino.
- 8- Estada entre os feácios.
- 9- Os cícones. Os lotófagos. O ciclope.
- 10- Éolo. Os lestrigões. Circe.
- 11- Descida ao Hades.
- 12- ( Circe ). Sereias. Cila e Caribides. Trinácia. Chegada a Ogígia.
- 13- Chegada de Odisseu a Ítaca. Odisseu e Atena.
- 14- Odisseu na cabana de Eumeu.
- 15- Chegada de Telêmaco a Ítaca. Telêmaco na cabana de Eumeu.
- 16- Odisseu e Telêmaco. Reconhecimento.
- 17- Odisseu e Telêmaco no palácio de Ítaca.
- 18- Odisseu insultado no palácio.
- 19- Odisseu e Penélope.
- 20- Antecedente da matança dos Pretendentes
- 21- A prova do arco. Reconhecimento por Eumeu e Filécio.
- 22- Matança dos pretendentes.
- 23- Odisseu e Penélope. Reconhecimento.
- 24- Os pretendentes no Hades.

#### **2.4. Temas para análise:**

1. A sucessão dos acontecimentos:

-Os dois planos da narrativa:

A do **poeta** x a do **personagem** ( Odisseu )

- Entrelaçamento entre dois mundos:

O mundo **real** x mundo **mítico**

Espaço **conhecido** x espaço **desconhecido**

- Os ritmos da vida humana :

Ritos de **separação** ( canto 1 a 12

) Ritos de **transição** ( canto 8 )

Ritos de **incorporação** ( canto 13 ss )

2. A personagem do herói :

- A ética heróica

- O herói e a condição humana

## 2.5. Roteiro de Análise

Os dois temas escolhidos para análise dizem respeito ao estudo do tipo de narrativa épica da *Odisséia* e o tema do herói.

1 – A sucessão dos acontecimentos

a). Como se organiza a narrativa da *Odisséia*:

dois planos : - poeta ( Homero )  
- personagem ( Odisseu )

É uma descrição clara, detalhada, não cria tensão no ouvinte/leitor. Colocando os fatos lado a lado, não cria perspectiva, nem um segundo plano, ou seja, primeiro Telêmaco, depois Odisseu; é uma sucessão simples.

Para relatar as aventuras de Odisseu, o poeta delega a palavra ao herói. As lembranças de suas ações é um relato em primeira pessoa.

No Canto VIII, quando Odisseu chega ao palácio de Alcínoo, começa o relato das aventuras. Esse relato mostra a equivalência dos dois planos:

POETA

HERÓI

Mundo real

Mundo mítico

Espaço conhecido

Espaço desconhecido

- o mundo real, é o da guerra de Tróia

-o mundo mítico, é o das sereias, Circe, gigantes, Hades, etc.

Para alguns intérpretes, esses “espaços desconhecidos” podem ser vistos como uma referência à experiência contemporânea de Homero que foi o início da colonização grega e o contato com os povos estrangeiros. Os temas desenvolvidos nessas narrativas míticas estão relacionados à identidade dos gregos e à exploração dos espaços desconhecidos da experiência humana.

Trata-se, ainda conforme esses intérpretes, de uma antropologia literária cujas categorias terão uma longa duração na cultura grega.

No final do Canto VIII, Odisseu é visto como um estrangeiro, sem nome e sem pátria:

“Por mais ligeiramente que tenha roçado pela sabedoria, uma pessoa considera como irmão um hóspede e suplicante. Por isso, agora tu não me ocultes com idéias astuciosas o que eu te perguntar; fica melhor falares. Dize com que nome te chamam lá teu pai, tua mãe, os outros concidadãos e os das cercanias; pois absolutamente ninguém no mundo, nem vilão nem fidalgo, carece de nome desde o nascimento; os pais dão nomes a todos quanto geram. Revela-me tua terra, teu povo e tua cidade...” ( *Odisséia*, VIII )

O estrangeiro na sociedade grega vai ser algo combatido, pois ele põe em conflito os valores da cultura.

O que distingue os gregos ( civilizados ) dos outros ( não civilizados ) ?

Podemos encontrar alguns desses elementos no relato de Odisseu sobre os Ciclopes. Como por exemplo: O fato dos gregos possuírem uma organização social baseada em leis e assembléias:

“Dali prosseguimos nossa viagem, de coração pesaroso; chegamos ao país dos arrogantes e iníquos Ciclopes. Confiantes nos deuses imortais, eles não plantam com suas mãos uma planta, nem aram; tudo nasce sem sementeira nem aração – trigo, cevada, vinhas que produzem vinho com suas grossas bagas – e as chuvas de Zeus tudo fazem crescer. Não têm praças de assembléia, nem leis estabelecidas; moram na crista de altas montanhas, no seio de cavernas, e cada qual dita leis aos filhos e esposas, sem se preocuparem uns com os outros”. ( *Odisséia*, IX )

Os hábitos alimentares que caracterizam os gregos, como por exemplo, não comer carne crua, nem humana e beber ( moderadamente ) o vinho :

“Então, eu me acerquei do Ciclope e disse-lhe, erguendo nas mãos uma copa de hera cheia de escuro vinho: “Toma Ciclope; bebe vinho, após comer carne humana, para saberes que bebida carregava nosso barco. Eu o trazia para fazer-te uma libação, se, compadecido, me enviasses para minha terra. Mas quem pode suportar a tua fúria? Desgraçado, como há de vir visitar-te doravante alguém da incontável Humanidade, se não te comportas como se deve ?” (Odisséia, IX )

Nos relatos de Odisseu, podemos encontrar também outros elementos distintivos, agora não mais entre os gregos e outros povos, mas entre os homens e deuses.

O que distingue os homens dos deuses? Fundamentalmente, a condição mortal do homem e a condição imortal dos deuses.

Essa distinção revela-se, por exemplo, na condição efêmera do homem perante os deuses:

“Por isso vou dizer-te uma coisa, escuta e grava-a bem no teu espírito: entre todos os seres que respiram e rastejam sobre o solo, nenhum dos que a terra cria é mais fraco que o homem. Porque ele julga que não sofrerá mal algum no futuro, enquanto os deuses velarem pela sua felicidade e os seus joelhos forem ágeis. No dia em que os bem-aventurados lhe enviam reveses, ele resigna-se, mas suporta-os contrariado. O espírito dos homens sobre a terra conforma-se com os dias diversos que lhes reserva o pai dos homens e dos deuses”. ( Odisséia, XVII)

Na forma como o homem sente a experiência do tempo.

Para Odisseu, no solar de Circe, os dias trazem o tédio e a mortalidade e não a eternidade:

“Todos os dias de um ano ali passamos banqueteados-nos, à mesa, de carne abundante e de vinho suave; mas quando já fazia um ano, voltou a primavera, e os meses, passando, trouxeram os longos dias”. ( Odisséia, IX )

Nas refeições humanas e divinas.

Enquanto os homens se alimentam de pão e vinho, os deuses se alimentam de néctar e ambrosia. Alimentar-se da comida dos deuses pode ser mortal para os homens, como no episódio de Circe.

De uma maneira geral, podemos dizer que essas narrativas do herói tematizam o problema das fronteiras: territorial, cultural e religiosa.

b). Os ritmos da vida humana:

A *Odisséia*, ao tematizar uma aventura de retorno ( do herói Odisseu ), pode ser vista como uma grande alegoria da condição humana.

A aventura humana é um grande retorno: nascer, crescer e retornar ( ou morrer ). No plano da narrativa, o retorno do herói segue determinados ritos de passagem que podem ser caracterizados da seguinte forma:

- ritos de **separação** ( Canto 1 ao 12 )
- ritos de **transição** ( Canto 8/ vigília, sono, banho e limiar )
- ritos de **incorporação** ( Canto 13 ss )

Esses ritos correspondem, no nível da narrativa, a “iniciações” que só poucos conseguem passar, o que enaltece a característica distintiva do herói que sobrevive a todas elas:

“eles embarcaram sem demora, sentaram-se nos barcos e, dispostos em linha, feriram com os remos o mar cinzento. Dali prosseguimos nossa viagem, de coração pesaroso, mas contentes de escapar à morte, embora com a perda de companheiros queridos”. (Odisséia, IX )

A tematização dos limites da condição humana está expresso, de forma simbólica, na descida de Odisseu ao Hades:

“Aglomeraram-se, então, subidas do Érebo, as almas das pessoas mortas. Eram donzelas, moços solteiros, velhos sofridos, virgens puras com o primeiro luto no coração; muitos eram os feridos pelas espadas do bronze, mortos em combate, com suas armaduras tintas de sangue. Chegavam, incontáveis, de toda parte, e apinhavam-se em redor da cova, ululando prodigiosamente, e um pálido terror se apossou de mim”. (Odisséia, XI ).

E no encontro com sua mãe:

“Meu filho, como chegaste a estas nebulosas trevas ainda vivo? É penoso aos vivos contemplar estas paragens (...) esta é realmente a sorte normal dos mortais, quando falecem. Os nervos não mais seguram carnes e ossos; a força poderosa do fogo em chamas destrói essas partes, assim que o alento abandona os brancos ossos, enquanto a alma se evola e paira como um sonho.” ( Odisséia, XI )

A descida aos infernos é um tema comum nas religiões e na literatura universal.

Nessa grande aventura de retorno do herói, ecoa uma lição de vida em Homero que se encontra em toda sabedoria antiga: o homem só compreende a vida através do sofrimento.

Se Homero explorou a aventura do povo grego em seus primórdios, caberá a Heródoto, seu rival e continuador, explorar a aventura dos grandes impérios universais, seu movimento de ascensão e queda.

## 2 – A personagem do herói:

### a). A ética heróica :

A epopéia, segundo Aristóteles, é um gênero literário maior; trata de um personagem de tipo elevado, nobre, aristocrata.

Embora muitos vejam na obra de Homero um espelho da aristocracia de sua época, o fato dela ter sido construída a partir de princípios da aristocracia guerreira, não significou que ela se tornou uma mera peça de propaganda ideológica; aliás, sobreviveu ao declínio da aristocracia, e serviu de fonte para a literatura posterior na Grécia.

Na concepção de Homero, a vida é combate, guerra, a própria paz é conquistada na guerra. A vida é uma luta contra o tédio, e o ideal do herói é viver em combate, sua virtude é a bravura.

A idéia essencial de que o motor da história humana seja a guerra, será herdada pela História, enquanto gênero literário, da épica.

O mundo do herói é um mundo masculino, seu comportamento baseia-se:

#### 1- Na busca de uma fama ( *Kleos* ) imortal :

Fama buscada no combate, e mesmo quando o herói deve sucumbir, tem que ser com honra, combatendo, para evitar a covardia.

#### 2- Na busca de uma “bela morte”:



Na reflexão de Homero, nobre é o que dá fama e glória ao homem e o que mais o rebaixa é a morte.

Esse horror à morte revela o interesse dramático e trágico do heroísmo na epopéia, que mais tarde será explorado pelo gênero literário da Tragédia.

O herói aceita a dualidade vida/morte, sabe que vai morrer, mas luta. Nesse sentido, ele enobrece o homem.

A “bela morte” que espera o guerreiro é o princípio da fama.

A morte deve ser na força da idade, quando o corpo ignora ainda as decrepitudes da velhice, pois ficará na memória uma imagem juvenil e bela ( nesse sentido, a pior injúria é mutilar o cadáver do combatente, como no episódio de Aquiles e Heitor na *Ilíada* ).

### 3- Na busca do ideal do belo:

Na reflexão de Homero, o belo é ao mesmo tempo um ideal estético e humano.

O ideal estético revela-se, para o herói, na busca da beleza física. Cuidar do corpo (alimentação, óleos ), da imponência visual, da sua armadura e dos escudos em combate.

O ideal humano encontra-se no cultivo das mais elevadas virtudes humanas: a hospitalidade, a atenção refinada, cortesia, ternura familiar e os laços de amizade ( *philia* ).

Esse ideal humano, para alguns autores, revela que o mundo da epopéia atingiu seu apogeu, não é um mundo primitivo.

Por outro lado, o sentido bárbaro da honra do herói ( matar o oponente ), contrasta consideravelmente com esse humanismo.

A busca do belo reforça também um ardente amor à vida, que, segundo alguns autores, é uma marca característica dos gregos.

O conhecimento da finitude humana levou a uma alegria de viver. O sabor humano está ligado aos prazeres da vida, entre eles, a boa mesa, um bom vinho e uma boa conversa.

Na epopéia ( *Ilíada* e *Odisséia* ), podemos encontrar uma tipologia dos heróis :

- O herói extremo ( Aquiles );
- O herói inteligente ( Odisseu );
- O herói humilde ( Eumeu e Euricléia );
- A negação do herói ( os pretendentes ).

Características do herói na *Odisséia* :

- O herói não é um sábio, sua inteligência está ligado à prática.

Corresponde ao que os gregos chamam de *métis*. Para a *métis*, a astúcia vale mais que a força ( exemplo dos episódios do Cavalo de Tróia, Ciclope e os pretendentes ).

- O herói é um estrategista, sabe mover-se no instável.

A *métis* é a arte de saber aproveitar o momento, a ocasião ( *kairós* ). Assim, o heróis pode utilizar os artifícios do logro, da mentira, provocando um efeito de ilusão para obter resultados, garantir a vitória sobre o inimigo ( episódio do Ciclope, o nome “ninguém” ). Os “interesses da mentira” é um tema que será desenvolvido pelos filósofos sofistas.

b). O herói e a condição humana :

A estreita familiaridade dos deuses com os homens na epopéia, a presença e força superior dos deuses, inspira ao homem um sentimento de temor, mas também de confiança.

O herói, ao se assemelhar aos deuses, e ser protegido por eles, representa não apenas um modelo aristocrático, mas a transcendência da condição humana.

O herói enobrece o homem e dá à vida uma luminosidade característica. Ele é o sonho do homem de fazer a sua própria história.

### **3. Os Trabalhos e os Dias de Hesíodo**

#### **3.1. Dados históricos**

Hesíodo viveu na Beócia, provavelmente no final do século VIII ou começo do século VII a.C., quando escreveu este poema dirigido ao irmão Perses com quem o poeta estava tendo um litígio a propósito da divisão das terras e dos bens herdados do pai.

Estamos num contexto de crise agrícola, social e religiosa, mas não se trata, no entanto, de um tempo de trevas e obscurantismo, mas de um período extremamente fecundo no qual podemos localizar grandes transformações econômicas, sociais e religiosas, que culminará na formação da pólis grega.

As obras de Homero estão muito distantes das de Hesíodo, tendo em comum apenas a forma do verso épico que traça a sua ligação com a tradição da literatura oral, mas a separação entre ambos se verifica, sobretudo, na postura diante da própria função poética quanto no objeto dos poemas e ainda quanto aos públicos aos quais se dirigem.

*Os trabalhos e os dias* revelam uma mudança do pensamento grego ao compararmos com a épica homérica - que enaltece as grandezas da idade heroica e sem preocupação moralizante -

em relação não só à organização teológica, mas também quanto à valorização do homem, baseado na experiência do poeta camponês e ditado por uma profunda religiosidade em nome do respeito à ordem e a justiça ( Cf. LAFER, 1991 ).

### **3.2. Plano da obra**

O plano de *Os trabalhos e os dias* pode ser assim resumido:

I – Hesíodo procura estabelecer os fundamentos da condição humana através de explicações míticas

II – Depois trata de prover conselhos práticos e calendários relativos ao trabalho (agrícola e marítimo ) além de dar conselhos morais.

O poema pode ser dividido desta forma:

- 1- Invocação às Musas
- 2- As duas Lutas
- 3- Mito de Prometeu e Pandora
- 4- As cinco Raças:
  - raça de Ouro
  - raça de Prata
  - raça de Bronze
  - raça dos Heróis
  - raça de Ferro
- 5- A Justiça
- 6- O Trabalho
- 7- Catálogo dos dias fastos e nefastos

### **3.3. Breve comentário**

Em *Os trabalhos e os dias* Hesíodo nos mostra a organização do mundo dos mortais, apontando sua origem, suas limitações, seus deveres, revelando-nos, assim, em que se fundamenta a própria condição humana.

Assim, no **1º. mito**, o poeta diz que não há apenas uma “Luta”, mas sobre a terra existem duas, uma boa, que visa construir, e a outra má, que leva à destruição.

No **2º. mito**, o de Prometeu e Pandora, o trabalho, sua origem e necessidade aparecem como um dos temas centrais.

De uma maneira geral, podemos dizer que o mito de Prometeu é o mito grego da criação do homem.

No **3º. mito**, o das cinco Raças, o objeto principal é a Justiça ( *dikè* ), apresentada e elaborada mais pelo seu contrário ( a *hýbris*, violência, excesso ) do que pelo seu aspecto fundamentalmente positivo.

Além do mito de Prometeu e Pandora que fala de um tempo em que os homens viviam como deuses, Hesíodo conhece também essa história que trata da passagem desse estado paradisíaco para o seu presente de fadiga, miséria e dor. Nas primeiras quatro raças há uma alternância de supremacias de uma ou de outra, e na última, na qual o poeta diz estar, existem concomitantemente “excesso” ( *hýbris* ) e “justiça” ( *dikè* ) e a difícil contingência de ter de se escolher entre um e outro.

### 3.4. Temas para análise

- 1- A utilização dos mitos como explicação histórica
- 2- A moral e justiça em Hesíodo.

### 3.5. Roteiro de Análise

A filiação de Hesíodo a Homero está no uso do verso de estilo épico, na tradição oral e no fato deles serem “os primeiros a ordenarem a genealogia dos deuses” ( Heródoto ).

As distinções são mais evidentes:

- poema escrito em primeira pessoa em Hesíodo,
- o conteúdo moral: -normativo e prescritivo em Hesíodo,
  - prático em Homero ( prudência ),
- o Homem: - é um herói em Homero, camponês em Hesíodo ( mas ele fala de um homem “sábio” distinto do “tolo” ),

-Enfoque mais antropológico em Hesíodo; o mundo dos deuses encontra-se bem mais separado do mundo dos homens do que na obra de Homero.

O tema de *Os trabalhos e os dias* é um fato real : a divisão da herança com o irmão. A partir daí, ele constrói uma obra que é um misto de tratado teológico ( mitos ) e cívico ( justiça e o trabalho ).

Hesíodo tratou da religião e da genealogia dos deuses em outra obra, a *Teogonia*, e podemos dizer que, agora, o centro de sua atenção em *Os trabalhos e os dias* são os fundamentos da conduta individual e coletiva do homem.

## 1 – A utilização dos mitos como explicação histórica

O início do poema ( proêmio ) constitui-se de um breve hino em louvor a Zeus, no qual as Musas, suas filhas, cantam através da voz de Hesíodo o grande poder exercido com justiça pelo pai dos deuses e dos homens, Zeus.

Depois o poeta diz que falará *etétyma* ( verdades, por oposição à ficção ) a seu irmão Perses, apresentando, em seguida três narrativas:

“Ouve, vê, compreende e com justiça endireita sentenças Tu! Eu a Perses verdades quero contar” ( *Os trabalhos e os dias*, v. 10 )

A inspiração do poeta é o contato com os primórdios ( tempo mítico ), começa pelos relatos de origens. A “verdade” do passado não vem da tradição, mas do poder das Musas, tal como em Homero.

O interesse dos gregos da Grécia arcaica pelo passado dava-se através dos mitos. O mito em seu sentido básico é uma narrativa curta de linguagem metafórica, geralmente envolvendo deuses.

O acesso ao passado se dá pela via da memória, que para os gregos é personificada por uma deusa, *Mnemósine*, mãe das Musas – que preside a função poética, dando aos poetas o dom sobrenatural de trazer o passado como fonte do presente.

Como na tradição bíblica os profetas são inspirados por Deus, os poetas da Grécia são inspirados por *Mnemósine* – poeta e advinhos são agraciados pelo dom da “vidência”, do passado e do futuro, respectivamente.

O passado não é conhecido através de uma *techné*, do conhecimento técnico de um assunto, como, por exemplo, a técnica de investigação dos historiadores, mas de uma “inspiração” do artista.

Na narrativa de Hesíodo dos mitos, após o próêmio, a explicação mítica do passado (origem do homem, do trabalho, da mulher, males ) não é processual, é um discurso ontológico, das origens, da essência, dos fundamentos do SER.

#### 1º. Mito – As Duas Lutas:

Hesíodo inicia dizendo que na Terra existem duas lutas ( *Éris* ).

A explicação da origem da divindade mitológica *Éris* se encontra em sua outra obra, a *Teogonia*. *Éris* significa luta, combate, discórdia, contestação e nos *Trabalhos e os dias* tem uma dupla conotação : positiva ( a *éris* boa ) e negativa ( a *éris* má ).

A *éris* de Hesíodo se encontra dentro do mesmo vocábulo semântico do *ágon* ( combate, disputa ) de Homero. Aqui, esses dois autores, prolongam uma das características fundamentais da cultura grega que é considerar a vida como luta, combate.

Enquanto Homero se situa no plano artístico e político, a *éris* de Hesíodo está ligada ao elogio do trabalho ( o bom combate ) e à defesa da vida justa entre os homens.

Não há justiça sem o trabalho, nesse sentido, ele se distancia de Homero e da tradição grega do período clássico cujo ideal de felicidade só é atingido no ócio.

O tema da *éris* termina com a fórmula :

“Néscios, não sabem quanto a metade vale mais que o todo” ( v.40 )

Preceito famoso da ética grega e da Antiguidade em geral : o uso do meio justo vale mais que bens maiores mal adquiridos.

A boa luta supõe medida para não se tornar destrutiva, o exercício da justiça supõe também medida e da mesma forma o trabalho, ao exigir disciplina.

Esquemáticamente, temos :

Boa luta

Justiça            } MEDIDA                   X           DESMEDIDA ( *hýbris* )

Trabalho

#### 2º. mito – Prometeu e Pandora

O mito de Prometeu é um dos mais famosos da cultura Ocidental, explorado, ao longo do tempo, por diversos artistas.

A história de Prometeu é mencionada pela primeira vez em Hesíodo ( *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* ), depois em Ésquilo ( *Prometeu acorrentado* ), Platão ( *Protágoras* ) – o tema da “partilha” está presente em todos esses relatos.

Esse mito grego é comparado ao mito bíblico da criação do homem, sua expulsão do paraíso e condenação ao trabalho.

Prometeu ( = o que prevê ), por duas vezes usa de astúcia (*métis*) para enganar Zeus :

- 1 – No banquete ( cf. *Teogonia* ), oferece ossos cobertos de gordura;
- 2 – Rouba o fogo celeste e entrega-o aos mortais.

Em *Os trabalhos e os dias*, a história dos mortais é mencionada rapidamente, mas sabe-se que foi Prometeu quem criou o homem através do barro.

Nesse confronto com Zeus, aparecem os temas :

1- **Relação sacrificial** ( diferença alimentar ) :

A distribuição dos pedaços da vítima sacrificial marca a separação dos alimentos dos homens e dos deuses ( homens, comedores de pão ).

2 – **Relação humana** ( diferença sexual ) :

O envio de Pandora, primeira mulher, marca a separação, no gênero humano, entre homem e mulher.

3 – **Relação de trabalho:**

O fogo significa, entre outros, o fogo técnico, ensinamentos culturais, contrário à vida natural. Até então os homens não precisavam trabalhar para viver, agora são distinguidos pela necessidade do trabalho.

Hesíodo trata Prometeu como pérfido, de pensamentos trapaceiros para com Zeus, enquanto em Ésquilo Prometeu é louvado por sua conduta para com os homens.

A relação de Prometeu com os homens marca o advento da consciência humana e a punição por isso.

No confronto entre Zeus e Prometeu, o poder e a *métis* de Zeus são maiores. O castigo enviado aos homens é um mal ambíguo :

“ Filho de Jápeto, sobre todos hábil em suas tramas, apraz-te furtar o fogo fraudando-me nas entranhas; grande praga para ti e para os homens vindouros! Para esses em lugar do fogo eu darei um mal e todos se alegrarão no ânimo, mimando muito esse mal” ( *Os trabalhos e os dias*, v. 54 – 58 )

Esse mal é a mulher, Pandora (= a que tem um dom), criada com elementos dos diversos deuses:

“Disse assim e gargalhou o pai dos homens e dos deuses; ordenou então ao ínclito Hefestos muito velozmente terra à água misturar e aí por humana voz e força, e assemelhar de rosto às deusas imortais esta bela e deleitável forma de virgem; e a Atena ensinar os trabalhos, o polidedáleo tecido tecer; a à áurea Afrodite à volta da cabeça verter graça, terrível desejo e preocupações devoradoras de membros. Aí pôr espírito de cão e dissimulada conduta determinou ele a Hermes mensageiro Argifonte” ( v. 59 – 68)

Pandora participa da natureza divina, pela aparência, da natureza humana, pela força e fala, e da natureza animal, pela mente de cão.

O que faz da mulher um mal ambíguo é que ela é formada de atributos que são complementares e opostos: é ao mesmo tempo o belo e o mal, é fonte de prazer e dor, traz vida e morte, possui fala que possibilita a comunicação mas que pode enganar.

No debate sobre a condição feminina em Hesíodo, alguns autores consideram que a mulher carrega em si mais poderes de destruição do que de fecundidade (*Thánatos* e *Eros*), principalmente nas qualidades de Afrodite (desejo que destrói) e Hermes (conduta dissimulada e espírito de cão).

Pandora significa “a que tem um dom” (dado pelos deuses), não é só fonte do mal, mas do bem. Ela se insere entre os homens através de Epimeteu (= o que compreende depois), irmão de Prometeu que aceitou o dom, o presente dado por Zeus.

A vinda de Pandora e sua aceitação por Epimeteu, marca uma ruptura, ou seja, a vida agora está misturada com os males, com as doenças, os problemas e o trabalho com a fadiga.

O jarro (vaso) de Pandora, de onde saem os males, é uma metáfora da irrupção do mal entre os homens, que chega em silêncio:

“Mas outros mil pesares erram entre os homens; plena de males, a terra, pleno, o mar; doenças aos homens, de dia e de noite, vão e vêm, espontâneas, levando males aos mortais, em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou”. ( v. 100 – 104 )

A “Esperança” (*Elpis*) é a única que fica no jarro após ter saído os males, ela também têm um sentido ambíguo:

-É um bem e um mal, simultaneamente



-É a ilusão necessária ao homem <sup>2</sup>

-É uma conjectura, sob o signo da oscilação (temor e confiança)

Ligada ao tema de Prometeu x Epimeteu ( compreende x não compreende ), a *Elpís* equilibra a consciência do futuro pela ignorância de “quando” e “como” a morte virá.

Uma vida sem “esperança” significaria a desilusão total e/ou o suicídio coletivo.

Aqui retomamos o esquema da ambiguidade:

- *Éris* ( luta ) boa e má;

- *Elpís* ( esperança ) boa e má.

O episódio de Prometeu e Pandora termina com a advertência de Hesíodo:

“Da inteligência [ *nóos* ] de Zeus não há como escapar!” ( v. 105 )

### 3º. mito – As cinco raças

Se o mito de Prometeu tratou do Trabalho, o mito das cinco raças aborda um tema fundamental do pensamento de Hesíodo, a Justiça ( *dikè* ).

O tema é tratado através da oposição *hýbris* x *dikè*, desmedida-violência x justiça.

Essa oposição atravessa as diversas fases da humanidade, que Hesíodo historia através do mito das cinco raças ( ouro, prata, bronze, heróis e do ferro ).

A alternância de supremacia entre *hýbris* x *dikè* é mostrada a partir de um movimento de decadência da humanidade, que vai desde seu estado paradisíaco primordial ( raça do ouro ) até o presente de fadiga e dor ( raça do ferro, que Hesíodo deplora ter nascido nela ).

No mito das cinco raças, Hesíodo procura mostrar, através da verdade do mito, as diversas fases pelas quais passou a humanidade.

### 2 – A Moral e Justiça em Hesíodo

*Os trabalhos e os dias* são uma obra cívica que trata da moral, ou seja, da conduta individual e coletiva dos homens.

Para Hesíodo, o problema do Homem é:

---

<sup>2</sup>O tema da “ilusão vital” ao homem foi desenvolvido, entre outros, por pensadores do mundo contemporâneo como Schopenhauer, Nietzsche e Cioran.

- **Teológico** : erro de Prometeu e castigo de Zeus ( Pandora );
- **Terreno** : disputa dos homens entre si ( mito das raças );
- **Humano-Político** : iniquidade dos governantes ( fábula ).

Essa obra de Hesíodo pode ser considerada como uma apologia teórico-poética da justiça e do trabalho, ambos são *ordem e boa conduta*, e é uma das fontes mais antigas do pensamento ético-jurídico europeu, diferenciando-se de Homero por dar ao mito um caráter mais normativo.

A justiça e o trabalho são as virtudes essenciais para Hesíodo.

A justiça ( *dikè* ) deve ser coletiva para ser eficaz, daí Hesíodo se dirigir aos cidadãos e governantes :

“Tu, ó Perses, escuta a Justiça e o Excesso [ *hýbris* ] não amplies! O Excesso é mal ao homem fraco e nem o poderoso facilmente pode sustenta-lo e sob o seu peso desmorona quando em desgraça cai; a rota a seguir pelo outro lado é preferível : leva ao justo; Justiça sobrepõe-se a Excesso quando se chega ao final : o néscio aprende sofrendo”. (v. 213 ss)

“E também vós, ó reis, considerai vós mesmos esta Justiça, pois muito próximos estão os imortais e entre os homens observam quanto lesam uns aos outros com tortas sentenças, negligenciando o olhar divino”. (v. 248 ss )

Essa crítica de Hesíodo aos governantes e cidadãos prenuncia a tradição soloniana e democrática de Atenas e da Grécia Clássica.

O trabalho ( *erga* ) é a outra virtude, segundo Hesíodo, a ser cultivada pelos homens :

“A ti boas coisas falarei, ó Perses, grande tolo! Adquirir a miséria, mesmo que seja em abundância é fácil; plana é a rota e perto ela reside. Mas adiante da excelência, suor puseram os deuses imortais, longa e íngreme é a via até ela, áspera de início, mas depois que atinges o topo fácil desde então é, embora difícil seja”. ( v. 286 ss )

“O trabalho, desonra nenhuma, o ócio desonra é! ”( v. 311 )

Hesíodo se refere também à inveja despertada por aquele a quem acompanha o trabalho e a prosperidade.

Após referir-se à situação do homem no mundo, Hesíodo passa a assumir um tom mais conselheiro, entrando no plano da vida cotidiana e rural.

Segue-se, ao final do poema, um manual de preceitos, máximas e regras gerais da vida cotidiana.

Hesíodo conclui o poema com uma espécie de calendário dos dias fastos e nefastos e uma admoestação para que o homem se precavenha “para não transgredir a regra”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes e traduções

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* ( primeira parte ). Tradução do grego de Mary de Camargo Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991 (edição bilíngue ).

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias* ( texto integral ). Tradução do grego de Aníbal Santos, In: *Prometeu antigo*. Biblioteca Mitológica, Porto : Rés Editora, sd.

HOMÈRE. *L’Odyssée*. Texto grego estabelecido e traduzido por V. Bérard. Paris: Belles Lettres, 1974, Tomo II ( Chants VIII – XV ).

HOMERO. *Odisséia*. Tradução do grego de Jaime Bruna. 9ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução do grego Trajano Vieira. São Paulo, Ed. 34, 2011 ( edição bilíngue ).

### Estudos:

AUSTIN, M & VIDAL-NAQUET, P. O mundo homérico, In: *Economia e sociedade na Grécia antiga*. Lisboa : Ed. 70, 1972, p. 45 – 57.

AUSTIN, M. & VIDAL-NAQUET, P. A época arcaica, In: *Economia e sociedade na Grécia antiga*. Lisboa : Ed. 70, 1972.

CUNHA, Paulo Ferreira. Hesíodo: poeta da divindade, do trabalho e da justiça, In: *Prometeu antigo*. Biblioteca Mitológica, Porto : Rés Editora, sd.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1988.

ELIADE, Mircea. Os olímpicos e os heróis, In: *História das ideias e crenças religiosas*. Porto: Rés Editora, sd, Vol. 1.

FINLEY, M.I. Quem eram os gregos?/A idade das Trevas e os Poemas homéricos, In: *Os gregos antigos*. Lisboa : Ed. 70, 1988.

\_\_\_\_\_. A Grécia arcaica, In: *Os gregos antigos*. Lisboa : Ed. 70, 1988.

\_\_\_\_\_. Aedos e heróis, In: *O mundo de Ulisses*. Lisboa : Presença, 1988.

HARTOG, François. Antes da História. O saber da Musa e a memória do aedo, In: *Como se escreve a história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

- \_\_\_\_\_. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- KOTHE, Flávio R. *O herói*. São Paulo : Ática, 2000.
- NEVES, Maria Helena de M. Introdução ao estudo da estrutura da *Odisséia*. *Revista de Letras*. São Paulo, 21, 1981, p. 81 – 87.
- LAFER, Mary de C. Os mitos: comentários, In: *Os trabalhos e os dias*. São Paulo : Iluminuras, 1991.
- MOSSÉ, Claude. *A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa : Ed. 70, 1989.
- PIRES, Francisco Murari. História e epopéia, os princípios da narrativa, In: *Mithistória*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- REALE, Gilda M. Hesíodo e a evolução religiosa na Grécia Antiga. *Revista de História*. São Paulo, USP, I, 1, 1950, p. 19 – 42.
- ROMILLY, J. Homero, In: *Fundamentos da Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- ROMILLY, J. Hesíodo, In: *Fundamentos da Literatura Grega*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- SISSA, Giulia. Homero antropólogo, In: *Os deuses gregos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TORRANO, Jaa. O mundo em função das Musas, In: HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo : Iluminuras, 1995.
- \_\_\_\_\_. O que é mito, em sentido originário, In: CARDOSO, Zélia de A. ( org. ). *Mito, Religião e Sociedade*. São Paulo : SBEC, 1990.
- VERNANT, Jean P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Discurso*. USP, 9, 1979, p. 31 – 62.